



PERSPECTIVISMO EM “ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA”

DOI: 10.48075/ri.v24i2.29101

Jéssika Vasconcelos Moraes¹
Marinete Luzia Francisca de Souza²
Bruna Silveira Roncato³

RESUMO: A nossa proposta é discutir, neste texto, tomando como base a obra *Antes o Mundo Não Existia* (2019) a teoria do perspectivismo de Viveiros de Castro. A narrativa apresenta a mitologia Desana, desde os primórdios do Universo, destacando aspectos importantes para a cultura. Buscamos compreender a relação entre as transmutações sofridas pelas personagens, partindo da ideia de Perspectivismo como um fenômeno que defende a visão do corpo como um envoltório, passível de modificação. Para tanto, a pesquisa aborda aspectos estruturais e temáticos da obra. Selecionamos quatro contos, para a análise, sendo eles: “A história de Gãipayã e a origem da pupunha”, “História da origem da mandioca”, “Três histórias sobre Buhtari Gõãmũ, o espírito preguiçoso” e “As andanças pelo mundo de Umukomahsü Boreka”. Verificamos que as mudanças sofridas pelas personagens, ao longo das histórias, ocorrem por objetivos distintos. No entanto, relacionamos os fatos analisados à teoria perspectivista pois, embora a transformação ocorra de formas diversas, esta teoria compreende a transição entre as espécies, o xamanismo intrínseco às personagens e os conhecimentos de que cada uma se vale para modificar sua forma exterior, na ocupação de um corpo animal.

Palavras-chave: Perspectivismo; Transição; Xamanismo.

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Araguaia. Foi estagiária na Biblioteca Maria Celeste Saad Guirra, do Campus Universitário do Araguaia. Vencedora do Prêmio de Iniciação Científica Severino Meirelles da UFMT 2021. E-mail: jessiemoraes4@gmail.com

² Professora Adjunta II na Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário do Médio Araguaia e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, do Campus de Cuiabá. Licenciatura em Letras - Português e Literaturas; Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Literaturas de Língua Portuguesa (investigação e ensino), pela Universidade de Coimbra. Publicou, em co-autoria, com Célia Maria Domingues da Rocha Reis, a obra *Pedro Casaldáliga e poética de emancipação*, pela EDUFMT, em 2014. E-mail: marinete.souza@ufmt.br

³ Professora Adjunta da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Doutora em Direito (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ); Mestre em Direito - área de concentração Direito e Relações Internacionais - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua na área de Direito Internacional Público, Ciência Política e Direito dos Povos indígenas. E-mail: brunroncato@gmail.com

PERSPECTIVISM IN “BEFORE THE WORLD DIDN'T EXIST”

ABSTRACT: Our purpose in this paper is to discuss, based on the literature masterpiece *Before the World didn't exist* (2019) and the Theory of Perspectivism of Viveiros de Castro. The storytelling shows the Desana mythology, since the beginning of Universe, pointing up important aspects to the culture. We search to comprehend the relation between the transmutations suffered by the characters, under the point of view of Perspectivism as a phenomenon that defends that the body as involucres, possible of modification. For that, this search approaches structural and thematic aspects of the masterpiece. We selected for tales to analyse: “The history of Gãipayã and the origin of the pupunha”, “Manioc origins history”, “Three stories of Buhtari Gõãmũ, the lazy spirit” and “The walkings by the world of Umukomahsü Boreka”. We noted that the changes suffered by characters in the tales happened by different reasons. By the way, we related the analyzed facts with the perspectivism light because, although the change occurs in different way, this theory comprehends the transition between species, the characters intrinsic shamanism and the knowledge that they use to modify their exterior form, in occupation of an animal body.

Keywords: Perspectivism; Transition; Shamanism.

INTRODUÇÃO

A nossa proposta é discutir, neste texto, tomando como base a obra *Antes o Mundo Não Existia* (2019) a teoria do Perspectivismo de Viveiros de Castro (2004). Selecionamos para a análise quatro contos da citada obra, sendo eles: “A história de Gãipayã e a origem da pupunha”, “História da origem da mandioca”, “Três histórias sobre Gõãmũ, o espírito preguiçoso” e “As andanças pelo mundo de Boreka”.

O objetivo principal é verificar se as roupas que transformam as personagens dos contos em animais relacionam-se com o que Viveiros de Castro denomina Perspectivismo. O autor desenvolve a teoria pensando numa perspectiva em que o mundo é habitado por diferentes seres que apreendem a si mesmos como humanos, embora possam ser percebidos como animais por outros seres.

Um ponto que interessa para o trabalho está no fato de que o corpo funciona como um envoltório que esconde a essência humana e pode modificar-se. As transformações são observáveis nos mitos que povoam os contos, envolvem o xamanismo⁴ e as noções de predador e presa.

⁴ A noção de xamanismo é adotada a partir da concepção de Viveiros de Castro, segundo o qual o xamã é o ser capaz de transitar entre mundos, de estabelecer diálogos entre universos diferentes. Assim, para o autor, o xamanismo é a habilidade que certos seres possuem de cruzar barreiras corporais e assumir outras subjetividades.

A obra *Antes o Mundo Não Existia* reúne os mitos da cultura desana. Os contos que a compõem foram transmitidos oralmente e transcritos por pai e filho, para que a cosmologia do povo não se perdesse. A narrativa acompanha personagens importantes para a cultura desde o início dos tempos do povo Desana.

No sentido de alcançar o objetivo proposto, realizamos a leitura dos contos selecionados nos pautando na compreensão do perspectivismo como segue.

A fundamentação teórica como já anunciamos, foi desenvolvida a partir da concepção de perspectivismo apresentada por Castro (2004) no ensaio “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. O ponto central desta teoria é a ideia de que o mundo possui diferentes tipos de sujeitos, que podem ser humanos ou não-humanos, que o entendem sob distintos pontos de vista (CASTRO, 2004, p. 225). O autor sugere que para as culturas ameríndias, todos os seres teriam uma essência humana, mas poderiam ser vistos em outra forma física, a depender de quem observa. Assim, haveria uma unidade de espírito e diferentes formas exteriores. Nas palavras do autor:

[...] o modo como os seres humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo — deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, plantas, fenômenos meteorológicos, acidentes geográficos, objetos e artefatos — é profundamente diferente do modo como esses seres veem os humanos e se veem a si mesmos (CASTRO, 2004, p. 227).

Desse modo, o perspectivismo trata de um ponto de vista. Os seres não-humanos também apreendem a si mesmos como humanos: “cada espécie de ser aparece aos outros seres como aparece para si mesma — como humana —, e entretanto age como se já tivesse manifestando sua natureza distintiva e definitiva de animal, planta ou espírito” (CASTRO, 2004, p. 229). Como consequência, o pensamento indígena considera que todos os seres foram humanos e ainda partilham dessa humanidade, ainda que a forma física não a torne evidente. Os seres compartilham da humanidade como característica comum, desse modo, as organizações que são observáveis em seres proto-humanos são culturalmente semelhantes às dos humanos. Eles obedecem a um chefe e se casam seguindo certas regras. Os seres humanos e proto-humanos compartilham de tradições e convivem uns com os outros de forma parecida.

Tal convivência é facilmente observada nas narrativas mitológicas, como é o caso das que recortamos para analisar. Para Castro (2004), é nas narrativas mitológicas que o perspectivismo se desenvolve, uma vez que a diferença entre os seres, no mito, é “ao mesmo

tempo anulada e exacerbada” (CASTRO, 2004, p. 230). As espécies interagem umas com as outras, mas manifestam características que as distinguem dos humanos, o que explicaria os processos que as levaram a serem percebidas como animais.

No complexo mitológico indígena, como o livro *Antes o Mundo Não Existia*, desenrolam-se as histórias de cooperação ou disputas entre humanos e proto-humanos, quase sempre gerando um produto dessas interações. Sá (2020) demonstra que esse produto pode ser a criação de uma nova espécie de planta.

A metodologia deste trabalho foi desenvolvida observando as dimensões propostas por Apolinário (2012, p. 70). Quanto à finalidade, trata-se de uma pesquisa básica, uma vez que tem por objetivo proporcionar uma maior compreensão dos fenômenos que envolvem a transformação das personagens não-humanas e sua relação com a teoria perspectivista na narrativa *Antes o Mundo Não Existia*. Quanto ao tipo/profundidade, a pesquisa é descritiva, pois visa descrever aspectos da obra, de modo que não interfere na realidade. Quanto à estratégia: os dados são provenientes de fontes bibliográficas, tratando-se da análise de textos narrativos, sendo, portanto, uma pesquisa baseada no estudo do texto. Quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa centrada na análise literária de contos.

A seleção dos materiais realizou-se por meio de fontes bibliográficas, sendo o objeto de estudo uma obra literária. Além de apresentar os aspectos a serem estudados nos contos e da leitura crítica da obra, foram realizadas leituras reflexivas com vistas a um aprofundamento sobre o tema a ser abordado. A partir desses procedimentos metodológicos, fizemos a leitura dos diversos textos balizadores e as reflexões pertinentes sobre aspectos estruturais e temáticos da obra, os quais são apresentadas no decorrer deste texto.

PERSPECTIVISMO

[...] considerar que os humanos são animais não nos leva necessariamente a tratar seu vizinho ou colega como trataríamos um boi, um badejo, um urubu, um jacaré. Do mesmo modo, achar que as onças são gente não significa que se um índio encontra uma onça no mato ele vai necessariamente tratá-la como ele trata seu cunhado humano. Tudo depende de como a onça o trate... E o cunhado... (CASTRO, p. 38)

O Perspectivismo, como já dito, é uma teoria desenvolvida pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a qual busca explicitar que os seres veem o mundo a partir de uma perspectiva. A humanidade é uma característica comum a todos os seres, mas a forma exterior

que apresentam é percebida de diferentes modos e passível de modificação. Um ser humano e uma onça podem perceber a si mesmos como humanos, mas o primeiro perceberá a onça como um animal predador, ao passo que ela o perceberá como uma possível presa. Assim, o ponto de vista determina como o universo será percebido por cada ser. Conforme explica Mandagará:

[...] Humanidade ou personalidade é uma posição a partir da qual se vê o mundo: ser humano, ou ser uma pessoa, é ser o centro de uma perspectiva. A cultura humana permanece a mesma quando a perspectiva é alterada. Assim, objetos podem ter sentidos diferentes a partir de diferentes perspectivas: o que vemos como sangue pode ser caxiri para a onça, e o que vemos como um lamaçal pode ser uma casa cerimonial para uma anta (MANDAGARÁ, 2020, p. 266-267).

O modo como os seres apreendem o mundo está ligado à cultura humana. A natureza pode ser vista sob perspectivas distintas, mas a humanidade liga todos os seres. O Perspectivismo envolve a ideia de uma cultura única e de uma natureza múltipla. Nessa esteira Mandagará diz que: “[...] Em vez de diversas culturas em uma só natureza, como na visão ocidental, haveria uma cultura e diversas naturezas. Somente o xamã – tradutor cósmico – poderia, sempre em perigo, navegar a linha da incompatibilidade” (MANDAGARÁ, 2020, p. 267).

Portanto, o Perspectivismo relaciona-se com a essência humana compartilhada por todos os seres, mas percebida em sua completude apenas pelos xamãs. As relações dialógicas estabelecidas pelos seres têm como mediador este tradutor cósmico e são apresentadas nos mitos.

Nos tópicos seguintes, estabelecemos como se desenrola o xamanismo e o Perspectivismo, bem como as transições que os xamãs e outros seres são capazes de sofrer a partir de uma vestimenta que os coloca em contato com outra perspectiva. A proposta que orienta para atingirmos o nosso objetivo é observar se as mudanças físicas que ocorrem com os seres, transições entre as formas humanas e animais por meio de vestes, compreende o fenômeno do Perspectivismo.

PERSPECTIVISMO E XAMANISMO NO CONTO “AS ANDANÇAS PELO MUNDO DE BOREKA”

O primeiro conto analisado é “As andanças pelo mundo de Boreka”. Boreka foi um importante pajé para a cultura desana: “Para ser pajé é preciso cheirar o paricá, como fez

Boreka o maior pajé do mundo desde o início” (LANA, 2019, p. 52). A história narra os caminhos e dificuldades enfrentados por esse pajé, um líder xamânico para os Desana, durante uma peregrinação em busca de aprendizado.

Segundo Viveiros de Castro, os mitos e as manifestações do Perspectivismo estão intimamente ligados com o xamanismo das culturas ameríndias:

O xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades alo-específicas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. Vendo os seres não-humanos como estes se vêem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer. O encontro ou o intercâmbio de perspectivas é um processo perigoso, e uma arte política — uma diplomacia (CASTRO, 2004, p. 231).

Para o autor, o xamanismo implica um modo de conhecer. Sendo um ser que transita entre os mundos, o xamã aprende com todos e é capaz de transmitir esse conhecimento. O xamã administra as relações entre humanos e não-humanos porque consegue perceber a humanidade compartilhada entre os seres e ser seu interlocutor. As suas experiências e conhecimentos dessas relações são contadas e compartilhadas com os seres que não podem fazer essas viagens.

Pensando assim, partimos do pressuposto de que o Perspectivismo se apresenta nas viagens do pajé Boreka para ter conhecimento sobre o mundo, que será importante para a cultura: “Ele estava traçando os caminhos do universo, através do espaço, para poder viajar. [...] Assim, ele pôde andar sobre esses caminhos no espaço enquanto transmitia seus conhecimentos” (LANA, 2019, p. 55). Ao fazer tais viagens, a personagem escolhe se apresentar como uma onça, um animal predador. Fazendo uso do paricá, a personagem poderia modificar seu corpo para atingir seu objetivo: “esse paricá tinha o poder de fazer um homem virar onça” (LANA, 2019, p. 52).

A ideia de que a transição de uma espécie para outra pode ser feita por meio de vestes, aparece no momento em que Boreka e seu grupo (homens que são guiados pelo líder xamânico) decidem aparecer para o mundo como onças: “Ele tirou esse tucum para tecer as peles de onças. Cada um fazia a sua pele, conforme eles queriam” (LANA, 2019, p. 52).

O enunciado *tecer uma pele de onça* representa uma transição de uma espécie para outra. A personagem mantém uma essência humana, mas passa pelo travestimento, ou seja, vestir-se e portar-se como um animal predador. São diferentes alegorias que vão contribuir

para a transição entre as diferentes espécies, a comunicação entre os diferentes mundos feita pela personagem xamânica: “Boreka fez a dele mais escura, pintada de preto nas costas e de branco na barriga. Ele disse: — eu vou parecer como (o peixe) uaracu” (LANA, 2019, p. 52).

Como pode ser percebido há um processo na transição: Em primeiro lugar, existem materiais como o tucum que são usados para a fabricação das peles. Na sequência, cada personagem escolhe como quer se apresentar. Funciona como uma metáfora para a fabricação das roupas, característica da linguagem conotativa dos contos. Por meio da metáfora, isto é, do tucum pelo tecido, o fio que tece a vestimenta, compreendemos o processo de transição de forma mais simples, como se as personagens usassem roupas de fato.

Em dado momento, ao descrever a transformação da personagem Boreka e de seu grupo, o narrador salienta que as peles de onça não eram vestidas como camisa. No entanto, isso parece dizer respeito apenas ao modo como as personagens são ligadas às vestes. De modo geral, o processo se apresenta como usar uma vestimenta e modificar-se por causa dela. Embora ele fale de roupas, no caso da “caracterização: *tercer uma pele em urucum*, que é algo externo, a transformação se dá internamente, também, pois se tornam onças:

E mostrou-lhes a maneira de vesti-las. A pele não foi envergada como camisa, bastava tocá-la e ela *entrava dentro da pessoa*. O primeiro a vestir sua pele foi Boreka, o chefe supremo desana. [...] a cabeça ficou sendo a cabeça da própria onça. Suas pernas ficaram sendo as pernas traseiras da onça. A pele não era muito grande. Na verdade era como um fino algodão. Ao penetrar nelas é que aumentavam de tamanho. Entrando nelas, doía muito, porque tinham que virar o corpo ao contrário. Ao gritarem de dor, já não gritavam mais como gente. Rugiam como onça. Finda sua transformação, eles experimentaram rugir (LANA, 2019, p. 54).

O processo de transformação se dá quando as personagens tocam as peles que foram tecidas a partir de determinados materiais. Daí decorre uma modificação dos corpos, e, conseqüentemente, no comportamento: *Ao gritarem de dor, já não gritavam mais como gente. Rugiam como onça*. A alma humana pode não desaparecer, mas os corpos sofrem mudança e são expostos para o mundo de modo distinto, agora não como possíveis presas, mas como predadores.

A relação predatória, descrita por Viveiros de Castro como fundamental para o Perspectivismo, como pode ser visto, se apresenta neste conto após a transformação das personagens. A princípio, é possível entender que o pajé não era de fato uma onça e ao se

vestir como uma, mudava seu comportamento, mas não ao ponto de devorar humanos. Para isso, ele precisaria de onças selvagens: “Nessa peregrinação, Boreka teria de matar muita gente e precisava de onças selvagens para devorá-las” (LANA, 2019, p. 56).

Desse modo, ainda que haja uma transformação, permanece o que Viveiros de Castro denomina como medo do canibalismo. Por todos possuírem uma essência humana, Boreka não devora os humanos que são mortos, mas faz uso de onças selvagens para tal: “[...] Mas eles não comiam gente. Matavam e jogavam para as verdadeiras onças comerem.” (LANA, 2019, p. 57). O corpo de onça de Boreka e seu grupo não alteram a essência, é um acontecimento transitório, utilizado apenas com um propósito específico, o de aprender e ensinar.

Após o período de aprendizado, Boreka retorna para sua maloca, mas, as peles de onça não são destruídas. Aparentemente, elas são retiradas e podem ficar à espera de serem usadas novamente. Como se fosse possível apenas vesti-las, tornando-se onça como o pajé Boreka: “Por isso, essa maloca é importante: é a guardiã das peles de onça de Boreka e dos seus irmãos” (LANA, 2019, p. 59).

Os processos de mudança de uma espécie para outra ocorreram com o propósito do aprendizado para Boreka e seu grupo. Nos contos que seguimos apresentando, a transição se dá visando objetivos distintos, diferentes daqueles do pajé Boreka. De forma geral, as “roupas” que transmutam as personagens são usadas para que possam escapar de situações delicadas, como Gõãmũ que se utiliza de um disfarce para sair de uma árvore a qual está preso.

PERSPECTIVISMO DE ORDEM PRÁTICA

O conto “Três histórias sobre Gõãmũ, o espírito preguiçoso” aponta Gõãmũ como um ser que se envolve sexualmente com personagens proto-humanas, as filhas do Irara. Gõãmũ é um mamífero onívoro que se alimenta de frutos, mas, também, pode ser predador de animais de pequeno porte. Ao se envolver com as filhas proto-humanas do Irara, sem o consentimento do pai, Gõãmũ é enganado e se vê preso em uma árvore frutífera.

Para escapar, ele pede a ajuda de várias espécies de pássaros, mas a maioria se recusa a auxiliá-lo a sair da árvore. Quando consegue apoio de um grupo de jaburus, ele deve se

transformar em um deles, ou seja, no pássaro jaburu, usando as penas desses companheiros como vestes:

No dia seguinte, prepararam-no para levá-lo. Tomaram as suas flautas de pão, que colocaram no braço de Gõãmũ com leite de tururi. Depois cada um tirou uma pena das suas asas, que enfiaram no oco do caniço, isto é, da flauta. Tiraram ipadu da sua boca e untaram, com ele, o pé das penas. Quando terminaram de colocar as penas, eles mandaram Gõãmũ experimentar voar, isto é, mandaram-no mexer as asas. Este experimentou mexer as asas, mas as penas caíram todas. Vendo isso, os jaburus renovaram o seu trabalho e, quando terminaram, deram-lhe outra vez a ordem de experimentar voar. Gõãmũ mexeu de novo as asas e, desta vez, as penas não caíram mais (LANA, 2019, p. 109).

A construção da veste segue um processo quase ritualístico. São usados signos culturais, materiais, como o ipadu, o som da flauta e a palavra surge como um signo imaterial. O ipadu é um pequeno arbusto utilizado em rituais religiosos, também esteve presente na transformação de Boreka. Como podemos observar são muitos os componentes que conduzem a uma transição xamânica. Por meio do material, penas, ipadu, flauta e dos já citados signos imateriais, Gõãmũ transita para um corpo diferente.

Após a transição, Gõãmũ tem a aparência exterior de um pássaro, no entanto, mantém sua essência humana. Antes de escapar definitivamente da árvore, os pássaros o advertem de que pode ser descoberto e morto, caso revele sua essência humana ao chegar ao seu destino. Gõãmũ não segue todos os conselhos dos jaburus e seu comportamento levanta suspeitas na anfitriã dos pássaros: “Perguntou então aos jaburus se, no meio deles, havia uma pessoa estranha” (LANA, 2019, p. 111).

O envoltório, a vestimenta, que permitiu a transformação exterior de Gõãmũ não o modificou internamente. Sua essência humana traz certas limitações: “Gõãmũ ficou sozinho, porque as aves, quando iam tomar banho, transformavam-se em peixes e baixavam. Fazer isto ele não sabia. Por isso é que ele ficou sozinho” (LANA, 2019, p. 111).

Observamos que ocorrem transformações entre espécies animais, como as aves que se tornam peixes, mas no decorrer da história não encontramos menção a uma veste que transforme os animais em humanos. Este é outro ponto ligado ao Perspectivismo descrito por Viveiros de Castro:

Todos os corpos, o humano inclusive, são concebidos como vestimentas ou envoltórios; mas jamais se vêem animais assumindo a veste humana. O que se acha são humanos vestindo roupas animais e tornando-se animais, ou

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 24, n°2, 2022. e-ISSN: 1982-3010.](#)

animais despindo suas roupas animais e revelando-se como humanos (CASTRO, 2004, p. 247).

O ato de despír-se de uma veste animal e assumir a forma humana acontece no segundo conto das Histórias de Gõãmũ. Nesta narrativa, a personagem produz a esposa ideal usando mais elementos ritualísticos. Dessa vez, não se trata de uma proto-humana, mas de um ser feito a partir de cipós dentro da estrutura de um ritual.

Gõãmũ cria sua esposa perfeita, mas esta é raptada por um urubu. O Uwawá, isto é, o urubu, é um chefe para outros animais. Ele se comporta como um líder e percebemos que a organização social, presente entre os animais, se assemelha às questões culturais humanas. Outro aspecto interessante se alia ao casamento, vejamos, o Uwawá tinha uma esposa, mas seu ideal de companheira era o mesmo procurado por Gõãmũ, por isso, Uwawá rapta a esposa de Gõãmũ.

A transformação que Gõãmũ sofre em seguida, com a ajuda de outros pássaros, os gaviões, ocorre visando recuperar sua mulher raptada. Os gaviões se despem de suas vestimentas de animais e fabricam o disfarce de Gõãmũ, seguem o padrão dos rituais, lidando com elementos descritos como enfeites, que provocam a transição da personagem:

Depois de entrar em casa, tiraram as suas vestes, deixando-as no lugar próprio: tiraram a sua camisa de voar, ficando com o corpo humano. Depois disto, começaram a se enfeitar. Primeiro, eles tiraram leite da árvore chamada sorveira, e colocaram nos seus rostos. Quando o leite estava seco, tiraram-no dos seus rostos, formaram bolinhas e jogaram-nas no corpo de Buhtari Gõãmũ. Aí mesmo, as bolinhas de leite de sorva se tornaram feridas. Ele ficou com o corpo coberto de feridas. Os gaviões fizeram isso para escondê-lo, para disfarçar a aparência dele (LANA, 2019, p. 122).

A transição xamânica pode ocorrer tanto por algo religioso, como no caso do aprendizado de Boreka, quanto por algo de ordem prática. Gõãmũ usa um disfarce para recuperar sua esposa. Quando esse disfarce não é mais útil, ele pode descartá-lo como quem tira uma camisa: “Tirou a veste de escravo, cheio de feridas, e a escondeu” (LANA, 2019, p. 123).

Gõãmũ consegue atingir seu objetivo, no entanto, o Uwawá e seu grupo também podem se modificar. Eles usam do mesmo artifício, se transformando em outros animais, para que o chefe possa raptar, mais uma vez, a esposa de Gõãmũ. A imagem de outro ser é vestida apenas para criar um véu ilusório. Uma vez que o bando consegue enganar a mulher, se desfaz da imagem de Irara e voltam às suas formas originais: “[...] No meio deste barulho, um irara se transformou em Uwawá, isto é, no Urubu Branco ou Urubu-rei. Todos os seus

companheiros também deixaram de ser iraras e voaram para cima, levantando-se do jirau” (LANA, 2019, p. 128).

A transmutação por ordem prática, com um determinado objetivo, acontece também no terceiro conto “História da origem da mandioca”. Esse conto relata a história do surgimento dos alimentos. A personagem Baaribo tinha os alimentos dentro de si. A partir de um conflito entre os filhos, a personagem se utiliza de um disfarce para procurar pelo filho mais novo, assassinado pelo primogênito.

Ao observarmos esse disfarce, nos deparamos, mais uma vez, com o objeto do nosso recorte, qual seja, a roupagem tão presente no texto. Essa identificação nos leva a perceber o modo como as personagens assumem novas formas por um breve período, como se transitassem entre as espécies apenas trocando de roupa. Baaribo não queria viver como outro ser, seu objetivo era descobrir o que acontecera com o filho mais novo: “[...] Vendo que não encontrava nenhuma testemunha, Baaribo teve uma ideia: a de se transformar num pássaro chamado japu para ouvir as conversas dos outros sem ninguém suspeitar” (LANA, 2019, p. 143).

Baaribo descobre que o filho mais novo foi assassinado pelo irmão. O primogênito, vendo-se em apuros, usa o processo de transformação para escapar. Ele fabrica uma veste de passarinho e sua transição ocorre para que possa se salvar. A necessidade básica está ligada ao ato de modificar-se:

Aí mesmo, ele começou a preparar a veste de um passarinho que se aninha na cumeeira da casa chamado ñamakasererõ. Quando aprontou a veste do passarinho, experimentou vestir-se. A veste deu perfeitamente nele. Ele voou em cima da casa, bem na ponta da cumeeira, esperando a volta do irmão ressuscitado (LANA, 2019, p. 144).

A análise dos três contos, até agora, nos leva a considerar que as transmutações, em geral, ocorrem porque as personagens têm necessidade de assumir formas distintas, sempre com algum propósito. Supomos que tal necessidade pode estar ligada à espiritualidade, como no caso do pajé Boreka, que se torna um predador para aprender e ensinar. Ou são apenas questões que ajudam as personagens a atingir objetivos imediatos de ordem prática, como vimos, para descobrir algo ou com a finalidade de recuperar a esposa raptada, como no caso de Gõãmũ.

O último conto é “A história de Gãipayã e a origem da pupunha”. Esse conto é trabalhado por Sá (2020) para explicar como as relações entre humanos e proto-humanos

geram um produto, um alimento, nesse caso, a pupunha. Nosso enfoque, como previsto, está nas transformações das personagens, nas transições que fazem entre uma espécie e outra, em geral por meio de uma veste, da forma como vem sendo descrita nos contos anteriores.

Logo no início da narrativa, Gãipayã é descrito como um ser que transita entre espécies: “Gãipayã foi o vovô dos periquitos mas tinha figura humana” (LANA, 2019, p. 153). A personagem tem uma essência animal, mas mostra-se como humana.

A personagem, conforme apontado por Lucia Sá, se envolve com uma personagem proto-humana. Ao fazer uma visita à família da esposa, aparecem as diferenças, a questão das vestes e as transformações entre as espécies.

[...] Primeiro apareceu o irmão: uma grande cobra pintada de vermelho. Aproximou-se da mulher, lambeu-lhe o rosto, depois lambeu o rosto do cunhado e voltou pelo lado direito da maloca, como tinha vindo. [...] Era a primeira saudação. No quarto de pari tiraram as vestes de cobra e voltaram para um segundo cumprimento, mas já na figura de gente, conversando numa língua humana (LANA, 2019, p. 156).

Nessa passagem, a própria comunicação entre as espécies é modificada à medida que as cobras se desfazem das vestes e passam a ter “figura de gente”. Existe uma forma de se cumprimentar enquanto cobras e, quando passam para a figura humana, a interação se faz na/pela língua humana. Esse nos parece um processo de metamorfose mais profundo, que não está relacionado apenas à imagem, ao corpo, às vestimentas, mas a algo que muda, até mesmo, o modo como os seres se comunicam.

Ainda em contato com a família da esposa proto-humana, Gãipayã modifica-se durante as relações com o sogro e com os outros proto-humanos. Essa modificação está relacionada com a forma física:

[...] Reuniu seus amigos, os gaviões-de-tesoura, para tomarem banho juntos. Vestiu a pele deles, voou bem alto e desceu no porto. Mas antes de entrar na água, temendo as piranhas, ele estendeu seu invisível pari de defesa no rio e, em voo rasante, caiu em cima do pari. Por isso, é que o gavião-de-tesoura, agora, quando toma banho, toca a água de leve. [...] Depois de alguns minutos, a maloca ficou fedendo a gavião-de-tesoura. Só então Gãipayã deixou sua veste na casa dos gaviões, voltando na figura de um homem. (LANA, 2019, p. 159).

Gãipayã usa as vestes dos gaviões-de-tesoura e se comporta como um pássaro. Ocorre que ele teme as piranhas e usa de um elemento mágico para se proteger. Então o narrador explica que o comportamento de Gãipayã enquanto gavião teve influência sobre o

comportamento da espécie, fixando uma característica que a distingue das outras e que não desapareceu após a mudança da personagem.

A transmutação de Gãipayã pode ser apreendida como uma metáfora que explicaria o motivo pelo qual a espécie adotaria determinado comportamento. O conhecimento da personagem em sua forma animal, sua consciência humana, permitiu que esse saber fosse passado para os animais.

Os contos analisados nos permitiram observar as transformações que ocorrem com as personagens, suas mudanças corporais, especialmente, a partir de vestimentas. Em “As andanças pelo mundo de Boreka”, o pajé modifica-se visando aprender e ensinar. Nos contos “Três histórias sobre Gõãmũ o espírito preguiçoso” e “História sobre a origem da mandioca”, percebemos transformações objetivando questões de ordem prática. Por fim, em “A história de Gãipayã e a origem da pupunha” encontramos essas transmutações que levam à metáfora de criação de determinado comportamento por uma espécie animal.

Portanto, compreende-se que tais processos podem ser relacionados ao Perspectivismo, uma vez que em todos os contos encontramos mudanças físicas e o uso de conhecimentos xamânicos para que as transmutações se realizassem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos contos do livro *Antes o Mundo Não Existia* nos possibilitou compreender a importância desta obra para a cultura Desana. A narrativa está organizada de modo a contar toda a história de um povo, partindo dos primórdios do Universo e descrevendo elementos que constituem os saberes da cultura.

Em concordância com o nosso objetivo, buscamos compreender o que se apresentava nos contos selecionados, fundamentando-nos, em Viveiros de Castro, naquilo que o autor denomina Perspectivismo. A escolha das narrativas se deu, justamente, pelo fato de conterem elementos que remetiam ao Perspectivismo, ou seja, transmutações de seres em animais por meio de um envoltório.

Após as análises é possível afirmar que as transformações observadas, em cada conto, ocorriam por objetivos distintos.

No caso do pajé Boreka, no primeiro conto, seus processos de transição tinham como foco o aprendizado, a troca de saberes.

Nos contos “Três histórias sobre Gõãmũ, o espírito preguiçoso” e “História sobre a origem da mandioca” se apresenta uma necessidade, em maior ou menor grau, de atingir um objetivo relacionado às questões de ordem prática. No primeiro uma personagem queria recuperar sua esposa, no segundo o intuito era espionar o filho e este pretendia salvar sua vida da ira do pai. Notamos, ainda, a transmutação de Gãipayã, que, em certa passagem, pode ser compreendida como uma metáfora para explicar como uma espécie adquiriu um determinado comportamento.

É importante considerar que as transições, mesmo com objetivos distintos, ocorriam de modos semelhantes. A maior parte delas se constrói e se define pela mudança em forma de roupagens, espécies de vestimenta e elementos ritualísticos necessários para se alcançar a transformação.

Tais elementos de transformação podem aparecer de modos variáveis, como por exemplo, o caso em que a língua humana se acrescenta como um elemento imaterial e leva à mudança. Embora, haja outros aspectos, além da vestimenta, em todos os contos ressalta o processo de vestir-se ou despir-se de uma forma, transitando para a outra.

Em suma, foi notável o Perspectivismo nas transformações corporais efetuadas pelas personagens. Esse fenômeno compreende a transição entre as espécies, o xamanismo intrínseco às personagens e os conhecimentos de que cada uma se vale para modificar sua forma exterior, mantendo a essência humana, na ocupação de um corpo animal.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, F. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CASTRO, E. V. de. Perspectivismo e Multinaturalismo na América indígena. *O que nos faz pensar*. nº 18, 2004. Disponível em: http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/import/pdf_articles/OQNFP_18_13_eduardo_viveiros_de_castro.pdf Acesso em: 25/11/2021.

CASTRO, E. V. de. Perspectivismo ameríndio por Eduardo Viveiros de Castro. In: <https://educezimbra.wordpress.com/2017/10/06/perspectivismo-amerindio-por-eduardo-viveiros-de-castro/>. Acesso em 14/06/2022.

LANA, L. G. *Antes o mundo não existia: Mitologia Desana-Kèhíripõrã*. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Dantes Ed., 2019.

MANDAGARÁ, P. Ver com os olhos: Representação e A Queda do Céu. In: DORRICO, J.; DANNER, F.; DANNER, L. F. (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 262-269.

SÁ, L. Histórias sem fim: perspectivismo e forma narrativa na literatura indígena da Amazônia. *Itinerários - Revista de Literatura*. 2020, n. 51, p. 157-178. 22p.

Recebido em 01 de abril de 2022.

Aprovado em 06 de maio de 2022.

